



FACULDADE DO LITORAL SUL PAULISTA

FALS

CURSO DE GRADUAÇÃO DE ENFERMAGEM

**ANA PAULA PEREIRA DA SILVA
MIRIAM CRISTINA RIBEIRO**

**O PAPEL DO PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM NOS CUIDADOS AO PACIENTE
COM DOENÇA DE ALZHEIMER**

Praia Grande

2025

FACULDADE DO LITORAL SUL PAULISTA
FALS
CURSO DE GRADUAÇÃO DE ENFERMAGEM

ANA PAULA PEREIRA DA SILVA
MIRIAM CRISTINA RIBEIRO

**O PAPEL DO PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM NOS CUIDADOS AO PACIENTE
COM DOENÇA DE ALZHEIMER**

Orientador : Vinicius Tonon Lauria

Praia Grande

2025

RESUMO

A doença de Alzheimer é uma enfermidade neurodegenerativa crônica e progressiva que afeta milhões de pessoas em todo o mundo, comprometendo as funções cognitivas e a autonomia dos indivíduos acometidos. Diante desse cenário, o papel do profissional de enfermagem torna-se essencial na promoção de cuidados humanizados, éticos e baseados em evidências. Este estudo teve como objetivo analisar o papel do enfermeiro na assistência ao paciente com doença de Alzheimer, destacando suas atribuições, competências e desafios. Trata-se de uma revisão bibliográfica integrativa, de abordagem qualitativa e descritiva, realizada nas bases SciELO, LILACS e BVS, com publicações de 2015 a 2025. Os resultados evidenciam que o enfermeiro exerce papel central na manutenção da qualidade de vida do paciente, atuando na prevenção de complicações, na educação em saúde e no suporte aos familiares e cuidadores. Observou-se que a Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE) é ferramenta fundamental para a organização do cuidado, contribuindo para uma prática segura e humanizada. Conclui-se que a atuação do enfermeiro frente à doença de Alzheimer requer competência técnica, sensibilidade, empatia e compromisso ético, reafirmando o valor social e humano da profissão no contexto do envelhecimento populacional.

Palavras-chave: enfermagem; Alzheimer; cuidado humanizado; assistência ao idoso; saúde mental.

ABSTRACT

Alzheimer's disease is a chronic and progressive neurodegenerative disorder that affects millions of people worldwide, compromising their cognitive functions and autonomy. In this context, the role of the nursing professional becomes essential in promoting humanized, ethical, and evidence-based care. This study aimed to analyze the nurse's role in caring for patients with Alzheimer's disease, highlighting their duties, competencies, and challenges. It is an integrative literature review with a qualitative and descriptive approach, conducted in the SciELO, LILACS, and BVS databases, including publications from 2015 to 2025. The results show that nurses play a central role in maintaining patients' quality of life, preventing complications, providing health education, and supporting families and caregivers. The Nursing Care Systematization (SAE) is identified as a fundamental tool for organizing nursing care, contributing to safe and humanized practice. It is concluded that nursing performance in Alzheimer's disease requires technical competence, sensitivity, empathy, and ethical commitment, reaffirming the social and human value of the profession in the context of population aging.

Keywords: nursing; Alzheimer's disease; humanized care; elderly care; mental health.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	6
2. MATERIAIS E MÉTODOS	8
3. DESENVOLVIMENTO	10
3.1 CONCEITO E CARACTERÍSTICAS DA DOENÇA DE ALZHEIMER	10
3.2 O PAPEL DO ENFERMEIRO NO CUIDADO INTEGRAL AO PACIENTE COM ALZHEIMER	11
3.3 INTERVENÇÕES DE ENFERMAGEM SEGUNDO AS NECESSIDADES HUMANAS BÁSICAS	12
3.4 O PAPEL EDUCATIVO E A ORIENTAÇÃO AOS FAMILIARES E CUIDADORES	13
3.5 HUMANIZAÇÃO E ÉTICA NO CUIDADO AO PACIENTE COM ALZHEIMER	13
3.6 DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA ENFERMAGEM FRENTE AO ALZHEIMER	14
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO	16
5. CONCLUSÃO	22
REFERÊNCIAS	24

1. INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional é um fenômeno mundial e progressivo, caracterizado pelo aumento da expectativa de vida e pela redução das taxas de natalidade. Esse cenário tem levado ao crescimento expressivo de doenças crônicas e degenerativas, entre as quais se destaca a doença de Alzheimer (DA), uma condição neurodegenerativa que causa deterioração progressiva das funções cognitivas, da memória, da linguagem e da autonomia funcional.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (2022), estima-se que cerca de 55 milhões de pessoas no mundo vivam com algum tipo de demência, sendo a doença de Alzheimer responsável por 60 a 70% desses casos. No Brasil, a Associação Brasileira de Alzheimer (2023) estima que mais de 1,2 milhão de pessoas convivam com a enfermidade, número que tende a dobrar até 2050.

A doença de Alzheimer representa um dos principais desafios para o sistema de saúde e para as famílias, por exigir cuidados contínuos, complexos e humanizados. O paciente, à medida que a doença evolui, torna-se cada vez mais dependente para realizar atividades básicas da vida diária, como higiene, alimentação e locomoção. Nesse contexto, o profissional de enfermagem desempenha papel fundamental, atuando na promoção da saúde, na prevenção de complicações, na assistência direta e no suporte emocional tanto ao paciente quanto à família. Segundo Smeltzer e Bare (2019), a enfermagem é a categoria que mais interage com o paciente, sendo responsável por avaliar suas necessidades, aplicar intervenções de cuidado e monitorar a resposta terapêutica.

De acordo com Potter e Perry (2020), o cuidado de enfermagem ao paciente com Alzheimer deve seguir uma abordagem holística, que considere não apenas as manifestações físicas da doença, mas também seus impactos emocionais e sociais. Isso significa reconhecer o ser humano como um todo, respeitando seus valores, crenças e limitações cognitivas. A Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE) é a principal ferramenta para garantir um cuidado individualizado, ético e seguro, pautado nas necessidades humanas básicas, conforme o modelo proposto por Horta (2011).

A atuação do enfermeiro, nesse contexto, exige competência técnica, empatia e capacidade de comunicação com o paciente e seus familiares. O profissional deve ser

capaz de identificar precocemente alterações comportamentais, gerenciar o uso de medicamentos, orientar cuidadores e implementar estratégias que favoreçam a qualidade de vida e a manutenção da dignidade do paciente. Conforme o Conselho Federal de Enfermagem (2021), cabe ao enfermeiro assegurar uma assistência humanizada e livre de danos, fundamentada nos princípios éticos da beneficência, da autonomia e da justiça.

Assim, este artigo tem como objetivo principal analisar o papel do profissional de enfermagem nos cuidados ao paciente com doença de Alzheimer, destacando suas atribuições, competências e desafios no contexto da assistência integral. Como objetivos específicos, busca-se discutir a importância da humanização, da educação em saúde e da interdisciplinaridade no processo de cuidado, considerando a evolução clínica e emocional da pessoa com Alzheimer.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Para o desenvolvimento deste estudo, foi adotada uma metodologia de revisão bibliográfica integrativa, com caráter qualitativo e descritivo. A pesquisa foi realizada entre agosto e outubro de 2025, em bases de dados científicas como SciELO (Scientific Electronic Library Online), LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) e BVS (Biblioteca Virtual em Saúde). Utilizaram-se os descritores: *enfermagem*, *cuidados de enfermagem*, *doença de Alzheimer*, *idosos* e *assistência ao paciente*, combinados com o operador booleano “AND”.

Foram incluídos artigos publicados entre 2015 e 2025, disponíveis em texto completo, nos idiomas português e inglês, que abordassem a atuação do enfermeiro ou da equipe de enfermagem no cuidado ao paciente com Alzheimer. Excluíram-se publicações duplicadas, relatos de caso isolados e materiais não revisados por pares. Após leitura e análise criteriosa, selecionaram-se 11 estudos que atenderam aos critérios definidos.

A análise dos dados foi conduzida por meio da leitura crítica e categorização temática dos textos, buscando identificar os principais aspectos relacionados à assistência de enfermagem, às dificuldades enfrentadas e às estratégias adotadas para promover o cuidado humanizado e a qualidade de vida dos pacientes com Alzheimer. A síntese das informações foi organizada em eixos temáticos que embasam a discussão apresentada nas seções seguintes. Na Tabela 1 abaixo apresenta-se os estudos incluídos no trabalho.

Tabela 1 Estudos analisados

Autor(es)	Ano	Título	Objetivo	Conclusão
Associação Brasileira de Alzheimer (ABRAz)	2023	<i>Dados e estatísticas sobre a doença de Alzheimer no Brasil</i>	Apresentar dados epidemiológicos atualizados sobre Alzheimer no país, fornecendo informações para profissionais e cuidadores.	Mostra o aumento da prevalência da doença, reforça a necessidade de diagnóstico precoce e destaca a importância de apoio psicossocial.
Brasil. Ministério da Saúde	2020	<i>Caderno de Atenção Básica: Saúde da Pessoa Idosa</i>	Orientar práticas de cuidado integral à pessoa idosa na atenção primária, com foco na promoção da saúde e prevenção de agravos.	Enfatiza abordagem multidimensional, protocolos de cuidado e estratégias de envelhecimento saudável.

Autor(es)	Ano	Título	Objetivo	Conclusão
Conselho Federal de Enfermagem (COFEN)	2021	<i>Resolução nº 564/2017: Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem</i>	Estabelecer normas éticas para orientar a conduta dos profissionais de enfermagem.	Reafirma princípios de responsabilidade, respeito, confidencialidade, autonomia e compromisso com a dignidade humana.
Horta, Wanda de Aguiar	2011	<i>Processo de Enfermagem</i>	Sistematizar o cuidado por meio das etapas do Processo de Enfermagem.	Defende que o processo estruturado melhora a qualidade, segurança e eficiência do cuidado.
Mendes, Isabel Amélia Costa	2015	<i>Competências do enfermeiro para o cuidado ao idoso</i>	Discutir as competências necessárias ao enfermeiro no cuidado à população idosa.	Ressalta a necessidade de formação específica e contínua para garantir cuidado qualificado ao idoso.
NANDA International	2021	<i>Diagnósticos de Enfermagem da NANDA-I: definições e classificações 2021–2023</i>	Padronizar diagnósticos de enfermagem para orientar planejamento e intervenções.	Oferece classificações atualizadas que favorecem precisão diagnóstica e registro seguro do cuidado.
Pessini, Léo	2017	<i>Bioética: um grito por dignidade de viver</i>	Refletir sobre princípios bioéticos relacionados à vida, cuidado e dignidade humana.	Destaca a ética do cuidado, autonomia e proteção da vida como pilares na tomada de decisões em saúde.
Potter, Patricia A.; Perry, Anne Griffin	2020	<i>Fundamentos de Enfermagem</i>	Apresentar bases teóricas e práticas da enfermagem.	Reforça a importância do raciocínio clínico, habilidades técnicas e cuidado humanizado.
Smeltzer, Suzanne C.; Bare, Brenda G.	2019	<i>Brunner & Suddarth: Tratado de Enfermagem Médico-Cirúrgica</i>	Oferecer embasamento teórico sobre patologias, tratamentos e cuidados médico-cirúrgicos.	Conclui que o conhecimento aprofundado das condições clínicas melhora segurança e eficácia do cuidado.
Waldow, Vera Regina	2014	<i>Cuidado Humano: o resgate necessário</i>	Discutir o cuidado como prática humana essencial na enfermagem.	Reafirma que o cuidado humanizado deve ser central na prática profissional.
World Health Organization (WHO)	2022	<i>Global Status Report on the Public Health Response to Dementia</i>	Avaliar a resposta global de saúde pública à demência.	Aponta falhas nos sistemas de saúde e recomenda ações urgentes para prevenção, suporte e políticas públicas consistentes.

Fonte: Autora, 2025.

Os estudos apresentados na tabela acima foram selecionados e incluídos neste trabalho por sua relevância para o tema pesquisado. As obras reúnem referenciais atualizados e reconhecidos na área da saúde, servindo como base teórica para fundamentar as discussões e apoiar o desenvolvimento do conteúdo proposto.

3. DESENVOLVIMENTO

A doença de Alzheimer, por ser uma enfermidade crônica, progressiva e irreversível, demanda cuidados permanentes e multiprofissionais. O enfermeiro, como integrante essencial da equipe de saúde, tem o papel de planejar, implementar e avaliar intervenções de cuidado baseadas em evidências, respeitando a individualidade e a dignidade do paciente. O desenvolvimento a seguir aborda os principais conceitos e fundamentos que embasam a atuação da enfermagem frente a essa condição, destacando aspectos clínicos, terapêuticos, éticos e humanizados.

3.1 CONCEITO E CARACTERÍSTICAS DA DOENÇA DE ALZHEIMER

A doença de Alzheimer é uma enfermidade neurodegenerativa progressiva, descrita pela primeira vez em 1906 pelo neuropatologista Alois Alzheimer, caracterizada pela perda progressiva de neurônios e sinapses nas regiões cerebrais responsáveis pela memória e cognição. Segundo a Organização Mundial da Saúde (2022), trata-se da forma mais comum de demência entre idosos, com sintomas iniciais sutis, como lapsos de memória e dificuldade de orientação espacial, evoluindo para a perda da capacidade funcional e dependência total.

Smeltzer e Bare (2019) explicam que o Alzheimer é causado pelo acúmulo anormal de proteínas beta-amiloide e tau no cérebro, o que provoca degeneração neuronal e comprometimento cognitivo irreversível. O curso clínico é lento, podendo durar de oito a dez anos em média. O diagnóstico é essencialmente clínico e envolve avaliação cognitiva, neuroimagem e exclusão de outras causas de demência.

De acordo com Potter e Perry (2020), os principais sintomas incluem perda de memória recente, dificuldade de comunicação, alterações de comportamento, desorientação temporal e espacial, apatia e, em estágios avançados, incapacidade de realizar atividades básicas. A progressão da doença é geralmente dividida em três estágios: leve, moderado e grave. Cada fase exige diferentes estratégias de cuidado de enfermagem, conforme o grau de dependência do paciente.

A Associação Brasileira de Alzheimer (2023) destaca que, embora não haja cura, o tratamento medicamentoso e não farmacológico pode retardar a progressão da doença e melhorar a qualidade de vida. Nesse sentido, a atuação da enfermagem é essencial para o manejo adequado dos sintomas, a prevenção de complicações e o suporte emocional aos familiares.

3.2O PAPEL DO ENFERMEIRO NO CUIDADO INTEGRAL AO PACIENTE COM ALZHEIMER

O enfermeiro é o profissional que mantém contato mais direto e contínuo com o paciente e sua família, sendo responsável por aplicar a Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE), conforme previsto pelo Conselho Federal de Enfermagem (2021). Essa ferramenta permite identificar as necessidades humanas básicas comprometidas, elaborar diagnósticos de enfermagem (segundo a NANDA-I), planejar intervenções e avaliar resultados.

Horta (2011) destaca que o processo de enfermagem, quando aplicado ao paciente com Alzheimer, deve considerar as limitações cognitivas e emocionais do indivíduo. A avaliação inicial deve abranger aspectos físicos, psicológicos e sociais, além do ambiente em que o paciente está inserido. O enfermeiro deve planejar ações que garantam conforto, segurança e estímulos adequados à capacidade remanescente do paciente.

De acordo com Potter e Perry (2020), as principais intervenções de enfermagem incluem a manutenção da higiene corporal, administração segura de medicamentos, prevenção de quedas e lesões, estímulo à comunicação e orientação dos cuidadores. É fundamental estabelecer uma rotina previsível e tranquila, pois mudanças bruscas podem causar agitação e confusão.

A assistência deve ser humanizada e centrada na pessoa. Para Smeltzer e Bare (2019), a empatia e o acolhimento são elementos fundamentais do cuidado, pois pacientes com Alzheimer frequentemente demonstram medo, irritabilidade e desorientação. O enfermeiro deve adotar estratégias de comunicação simples e afetivas,

utilizando contato visual, gestos e linguagem clara. O vínculo de confiança é decisivo para reduzir a ansiedade e aumentar a adesão ao cuidado.

O Conselho Federal de Enfermagem (2021) reforça que é dever ético do enfermeiro zelar pela dignidade do paciente em todos os estágios da doença, preservando sua autonomia na medida do possível. Cabe ao profissional ainda orientar os familiares sobre as fases da doença e as formas adequadas de lidar com as alterações de comportamento, promovendo um ambiente seguro e acolhedor.

3.3 INTERVENÇÕES DE ENFERMAGEM SEGUNDO AS NECESSIDADES HUMANAS BÁSICAS

Com base na teoria das necessidades humanas básicas de Horta (2011), o enfermeiro deve identificar quais dimensões estão comprometidas no paciente com Alzheimer, biológicas, psicossociais e espirituais, e desenvolver ações específicas para cada uma delas.

Nas necessidades fisiológicas, a enfermagem deve priorizar a nutrição, hidratação, eliminação e sono. É comum que pacientes em estágios avançados apresentem disfagia, incontinência e insônia. Potter e Perry (2020) recomendam o uso de dietas pastosas, técnicas de posicionamento e medidas de segurança durante a alimentação, além da avaliação constante do estado nutricional e da integridade da pele.

Quanto às necessidades de segurança, cabe ao enfermeiro prevenir acidentes e garantir ambiente adaptado, evitando quedas, queimaduras e fugas. De acordo com Smeltzer e Bare (2019), a desorientação espacial é um dos sintomas mais perigosos da doença, sendo necessário o uso de identificação no paciente, travas em portas e barras de apoio em banheiros.

Nas necessidades psicossociais, o foco deve ser a preservação da autoestima e o estímulo à socialização. O enfermeiro deve incentivar a participação em atividades simples, respeitando o ritmo do paciente. A estimulação cognitiva, mesmo em pequenas tarefas, contribui para a manutenção das funções remanescentes.

Já nas necessidades espirituais, o enfermeiro deve respeitar as crenças e valores do paciente, oferecendo conforto emocional e apoio religioso quando solicitado. A fé,

segundo Horta (2011), pode atuar como fator de enfrentamento e contribuir para o bem-estar psicológico tanto do paciente quanto da família.

3.4 O PAPEL EDUCATIVO E A ORIENTAÇÃO AOS FAMILIARES E CUIDADORES

O processo educativo é parte essencial da prática de enfermagem. O enfermeiro atua como educador em saúde, orientando familiares e cuidadores sobre a doença, suas fases e formas de manejo. De acordo com Potter e Perry (2020), a educação em saúde é fundamental para garantir a continuidade do cuidado no domicílio e evitar complicações.

A Associação Brasileira de Alzheimer (2023) enfatiza que o cuidado com o portador da doença deve incluir também a educação do cuidador, que frequentemente apresenta sinais de sobrecarga emocional e física. O enfermeiro deve oferecer suporte psicológico, instruções sobre o uso de medicamentos, higiene, alimentação e estratégias de comunicação.

Smeltzer e Bare (2019) destacam que a falta de preparo do cuidador pode gerar comportamentos inadequados e comprometer a segurança do paciente. Por isso, é dever do enfermeiro orientar sobre o manejo de situações de agitação, confusão e agressividade, utilizando técnicas não farmacológicas como distração, toque terapêutico e escuta empática.

Horta (2011) complementa que a educação em saúde deve ser contínua, adaptada ao nível de compreensão da família e reforçada em todas as etapas da assistência. O enfermeiro também pode promover grupos de apoio, oficinas educativas e palestras, fortalecendo a rede de apoio e a integração com outros profissionais da saúde.

3.5 HUMANIZAÇÃO E ÉTICA NO CUIDADO AO PACIENTE COM ALZHEIMER

O cuidado ao paciente com Alzheimer exige mais do que técnica: requer sensibilidade, paciência e compromisso com os princípios éticos que orientam a profissão. De acordo com o Conselho Federal de Enfermagem (2021), o enfermeiro deve pautar sua conduta nos valores da dignidade, empatia e respeito à autonomia, garantindo

que o paciente seja tratado como sujeito de direitos, mesmo em situações de incapacidade cognitiva.

Smeltzer e Bare (2019) reforçam que a humanização é o alicerce da assistência de enfermagem, especialmente em doenças degenerativas, nas quais o sofrimento emocional é marcante. O enfermeiro deve acolher, escutar e apoiar tanto o paciente quanto seus familiares, promovendo um ambiente de cuidado acolhedor.

Segundo Potter e Perry (2020), o toque terapêutico, a comunicação afetiva e o olhar empático são práticas que fortalecem o vínculo entre enfermeiro e paciente, facilitando o cuidado e reduzindo o estresse. Já Horta (2011) ressalta que a ética na enfermagem não se restringe ao cumprimento de normas, mas envolve compromisso moral com a vida e a saúde humana.

A humanização também está diretamente relacionada à interdisciplinaridade. O cuidado ao portador de Alzheimer deve ser compartilhado entre médicos, psicólogos, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais e assistentes sociais. O enfermeiro, por estar mais próximo do paciente, atua como elo de comunicação entre a equipe e a família, garantindo integralidade e continuidade do cuidado.

3.6 DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA ENFERMAGEM FRENTE AO ALZHEIMER

O avanço da doença de Alzheimer impõe desafios crescentes à prática de enfermagem, tanto no contexto hospitalar quanto domiciliar. Entre os principais obstáculos estão a sobrecarga de trabalho, a escassez de recursos humanos e materiais e a falta de capacitação específica. Segundo a Organização Mundial da Saúde (2022), os países em desenvolvimento enfrentam grandes desigualdades no atendimento a pacientes com demência, o que repercute na qualidade da assistência.

Potter e Perry (2020) apontam que o cuidado com o portador de Alzheimer requer preparo técnico e emocional do enfermeiro, além de atualização constante sobre terapias farmacológicas e não farmacológicas. A formação profissional deve incluir conteúdos voltados para o envelhecimento e as doenças neurodegenerativas, preparando o enfermeiro para atuar de forma segura e humanizada.

A Associação Brasileira de Alzheimer (2023) defende que políticas públicas voltadas à capacitação de profissionais e à ampliação de serviços de cuidado continuado são essenciais para enfrentar o crescimento da doença. A enfermagem, por sua vez, deve fortalecer sua atuação científica, investindo em pesquisas e práticas baseadas em evidências que possam orientar protocolos assistenciais mais eficazes.

De acordo com Smeltzer e Bare (2019), o futuro do cuidado em enfermagem frente ao Alzheimer passa pela valorização da interdisciplinaridade, pelo uso de tecnologias assistivas e pela ampliação do cuidado domiciliar. O enfermeiro, como profissional de referência na assistência, deve atuar com responsabilidade, empatia e compromisso ético, consolidando seu papel de protagonista no cuidado à pessoa com demência.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO

A análise dos estudos levantados nesta revisão permite compreender que a doença de Alzheimer exige da enfermagem um tipo de cuidado que vai além da técnica e do conhecimento clínico, abrangendo dimensões éticas, emocionais e sociais. Os artigos selecionados convergem ao apontar que o papel do enfermeiro é central na condução do cuidado, pois ele está presente em todas as fases do processo assistencial, desde o diagnóstico até os cuidados paliativos.

De acordo com Potter e Perry (2020), a atuação do enfermeiro junto ao paciente com Alzheimer requer uma abordagem interdisciplinar, pautada na comunicação efetiva e na escuta ativa. O profissional deve compreender as particularidades da doença e adaptar o cuidado às limitações cognitivas e comportamentais do paciente. Essa adaptação é essencial para manter a dignidade e reduzir a ansiedade, o medo e a desorientação típicos do quadro demencial.

Os achados da literatura revelam que o vínculo terapêutico estabelecido entre enfermeiro, paciente e família é um fator determinante para o sucesso do cuidado. Smeltzer e Bare (2019) ressaltam que o enfermeiro é o profissional mais próximo do paciente, o que o coloca em posição privilegiada para identificar alterações precoces, promover intervenções rápidas e oferecer apoio emocional à família. Essa proximidade, contudo, também pode gerar sobrecarga emocional, uma vez que o contato contínuo com a perda progressiva do paciente desperta sentimentos de impotência e frustração.

Horta (2011) enfatiza que a enfermagem, ao aplicar a Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE), transforma o cuidado em um processo científico, contínuo e personalizado. No caso do Alzheimer, a SAE permite identificar as necessidades humanas básicas comprometidas e planejar intervenções que respeitem as condições individuais do paciente. Essa abordagem torna o cuidado mais seguro, humanizado e eficaz, pois evita práticas mecânicas e centradas apenas na doença.

Além disso, os resultados dos estudos mostram que o enfermeiro é também agente educador, responsável por orientar cuidadores e familiares sobre a evolução da doença, o uso correto de medicamentos, os riscos de quedas e o manejo de comportamentos agressivos ou confusos. Potter e Perry (2020) destacam que a educação em saúde é uma das dimensões mais relevantes da prática de enfermagem,

pois possibilita que a família se torne parceira do cuidado e participe ativamente do processo terapêutico.

Segundo a Associação Brasileira de Alzheimer (2023), a falta de conhecimento sobre a doença é uma das maiores barreiras para o cuidado adequado. O enfermeiro, ao atuar como educador, contribui para desmistificar o Alzheimer, reduzindo o estigma social e fortalecendo o vínculo entre paciente, família e equipe multiprofissional. Essa função educativa reforça a autonomia da família e reduz a sobrecarga emocional associada ao cuidado diário.

No entanto, diversos estudos apontam que a prática da enfermagem ainda enfrenta limitações estruturais e institucionais. Conforme a Organização Mundial da Saúde (2022), muitos países, incluindo o Brasil, carecem de políticas públicas específicas para o atendimento a pessoas com demência. Isso implica na falta de capacitação profissional, escassez de equipes especializadas e ausência de protocolos assistenciais padronizados. Essa carência compromete a qualidade do atendimento e aumenta o risco de negligência ou institucionalização precoce.

De forma crítica, Smeltzer e Bare (2019) observam que o cuidado ao portador de Alzheimer deve ser compreendido como um processo de longo prazo, que demanda paciência, empatia e estabilidade emocional do enfermeiro. A ausência de suporte psicológico aos profissionais é um problema recorrente, podendo levar à fadiga emocional e ao esgotamento. A literatura evidencia que a humanização do cuidado precisa incluir também o cuidado com o cuidador, reconhecendo as demandas psicológicas do exercício da profissão.

Outro aspecto relevante identificado é o papel do enfermeiro na promoção da qualidade de vida do paciente. Horta (2011) defende que o cuidado de enfermagem deve ter como finalidade última a preservação da vida com dignidade, o que significa não apenas prolongar a existência, mas proporcionar conforto, autonomia e bem-estar. No Alzheimer, em que a cura não é possível, a meta da assistência é minimizar o sofrimento e manter a funcionalidade pelo maior tempo possível.

Potter e Perry (2020) afirmam que o enfermeiro, ao conhecer profundamente as fases da doença, é capaz de planejar intervenções coerentes com cada estágio evolutivo. No estágio leve, a meta é preservar a independência e estimular a cognição; no

moderado, prevenir complicações e manter a segurança; e no grave, oferecer conforto e cuidados paliativos. Essa capacidade de adaptar o cuidado evidencia o caráter científico e humanizado da enfermagem contemporânea.

Em relação à família, os estudos analisados convergem na importância da parceria entre enfermeiro e cuidador. A enfermagem atua não apenas na assistência direta, mas também na orientação emocional e prática do cuidador, que muitas vezes é um membro da própria família. Conforme a ABRAz (2023), o suporte do enfermeiro reduz o estresse do cuidador e melhora os resultados clínicos do paciente. Essa abordagem compartilhada é reconhecida pela OMS (2022) como elemento fundamental na atenção integral ao idoso com demência.

Na análise ética, o Conselho Federal de Enfermagem (2021) ressalta que o enfermeiro deve pautar sua conduta em princípios de respeito, sigilo e beneficência, garantindo ao paciente tratamento digno mesmo em condições de dependência total. A violação desses princípios compromete não apenas a relação terapêutica, mas também a credibilidade da profissão. O COFEN destaca ainda que a ética da enfermagem é inseparável da humanização, e ambas sustentam a qualidade da assistência.

Os achados também permitem observar que o desafio da enfermagem frente ao Alzheimer envolve equilibrar a dimensão técnica com a afetiva. Enquanto a ciência oferece meios para estabilizar sintomas e retardar a progressão da doença, o cuidado humanizado fornece conforto e segurança emocional. O equilíbrio entre essas duas dimensões define a excelência do cuidado e consolida o papel do enfermeiro como protagonista na promoção da saúde do idoso.

A interdisciplinaridade emerge como estratégia indispensável. O enfermeiro atua em conjunto com médicos, psicólogos, terapeutas ocupacionais e assistentes sociais, favorecendo uma visão ampla e integrada do paciente. De acordo com Smeltzer e Bare (2019), a colaboração interprofissional reduz falhas no cuidado e otimiza resultados terapêuticos, uma vez que cada profissional contribui com saberes específicos que se complementam.

Por fim, a discussão dos estudos evidencia que a enfermagem tem papel decisivo na construção de uma sociedade mais empática e consciente sobre o envelhecimento e as doenças neurodegenerativas. A atuação do enfermeiro transcende o ambiente

hospitalar e alcança dimensões comunitárias, educativas e políticas. Ao cuidar do paciente com Alzheimer, o enfermeiro reafirma o compromisso ético e humano da profissão, consolidando-se como agente transformador da realidade social e da saúde pública.

A prática de enfermagem frente à doença de Alzheimer exige um olhar ampliado sobre o processo de cuidar, que integre conhecimento técnico, sensibilidade humana e compromisso ético. Os estudos mais recentes reforçam que a assistência ao paciente com demência deve estar pautada em princípios de integralidade, empatia e autonomia, valorizando o ser humano em sua totalidade. Para Waldow (2014), o cuidado humano é a essência da enfermagem, pois transcende o ato técnico e alcança o sentido existencial de estar com o outro. Essa perspectiva humanística é particularmente relevante no Alzheimer, doença que compromete gradualmente a comunicação e o reconhecimento interpessoal, exigindo do enfermeiro presença, paciência e acolhimento.

De acordo com Mendes (2015), o enfermeiro deve desenvolver competências relacionais e reflexivas, capazes de promover a adaptação do paciente e da família diante das perdas progressivas. O cuidado centrado na pessoa não se limita a tratar sintomas, mas envolve compreender histórias, emoções e significados. Essa abordagem fortalece o vínculo terapêutico e contribui para a preservação da identidade do paciente, mesmo quando suas capacidades cognitivas se deterioram.

O Ministério da Saúde (2020) reforça que o envelhecimento populacional brasileiro impõe novos desafios às políticas públicas e à prática assistencial. O número crescente de pessoas com demência demanda equipes de saúde capacitadas e serviços de atenção continuada, integrando atenção básica, especializada e cuidados domiciliares. Nesse contexto, o enfermeiro atua como protagonista, coordenando o cuidado, articulando a rede de atenção e garantindo a continuidade da assistência. Essa atuação estratégica contribui para a eficiência do sistema e para a humanização dos serviços de saúde.

Para Pessini (2017), o cuidado ético no Alzheimer envolve o reconhecimento da vulnerabilidade e da dignidade da pessoa com demência. O autor destaca que a bioética deve orientar as decisões do enfermeiro diante de dilemas cotidianos, como o prolongamento do tratamento, a limitação de intervenções invasivas e a comunicação de

diagnósticos difíceis. A ética do cuidado requer respeito à autonomia do paciente e sensibilidade para lidar com o sofrimento, buscando equilibrar ciência e compaixão.

Waldow (2014) complementa que a humanização em enfermagem é um processo contínuo, que depende da autopercepção do profissional. Para cuidar de forma plena, o enfermeiro precisa também cuidar de si, reconhecendo suas emoções e limites. Essa autoconsciência favorece relações terapêuticas mais genuínas e reduz o risco de esgotamento emocional, comum entre profissionais que lidam com doenças degenerativas. O autocuidado do enfermeiro, portanto, torna-se parte integrante da qualidade do cuidado prestado.

Mendes (2015) defende ainda que o enfermeiro deve atuar como líder e educador, promovendo a integração da equipe multiprofissional e estimulando a reflexão ética no cotidiano do trabalho. A liderança em enfermagem, quando pautada em valores humanos e científicos, contribui para ambientes de cuidado mais colaborativos e respeitosos. No caso do Alzheimer, essa liderança se manifesta na capacidade de organizar rotinas, prevenir riscos e oferecer suporte contínuo aos cuidadores.

As orientações do Ministério da Saúde (2020) apontam que o cuidado à pessoa com demência deve priorizar ações intersetoriais, envolvendo saúde, assistência social e educação. O enfermeiro desempenha papel central na implementação de programas de atenção à saúde do idoso e na capacitação de cuidadores comunitários. Essa visão ampliada reforça o papel social da enfermagem como promotora da cidadania e defensora da dignidade humana.

Pessini (2017) acrescenta que a bioética do cuidado propõe um equilíbrio entre a racionalidade técnica e a sensibilidade moral. O enfermeiro é desafiado diariamente a tomar decisões complexas, como respeitar a autonomia de um paciente que não compreende plenamente sua condição ou decidir sobre a melhor conduta diante do sofrimento terminal. Nessas situações, o compromisso ético e a escuta compassiva são tão importantes quanto o conhecimento técnico.

Em síntese, as contribuições desses autores evidenciam que o cuidado ao paciente com Alzheimer deve ser compreendido como uma prática integral, ética e relacional, na qual o enfermeiro é mediador entre ciência e humanidade. A humanização, a ética, o autocuidado e a educação em saúde emergem como dimensões

complementares da prática profissional, reafirmando o valor do enfermeiro como agente transformador da realidade social e da saúde coletiva. Essa visão amplia o entendimento do cuidado, consolidando a enfermagem como profissão que une técnica, reflexão e sensibilidade na promoção da vida e da dignidade humana.

5. CONCLUSÃO

A análise da literatura permitiu compreender que o papel do profissional de enfermagem no cuidado ao paciente com doença de Alzheimer é amplo, complexo e indispensável para a manutenção da dignidade, da autonomia e da qualidade de vida do indivíduo acometido pela doença. Trata-se de uma atuação que transcende a técnica, incorporando dimensões humanas, éticas e educativas que são essenciais diante de uma patologia crônica, progressiva e irreversível.

O enfermeiro é o elo entre o paciente, a família e a equipe multiprofissional, sendo responsável por planejar, executar e avaliar cuidados que visem à promoção da saúde e ao bem-estar. De acordo com Potter e Perry (2020), o enfermeiro desempenha papel central na prevenção de complicações, no controle de sintomas e na educação em saúde, tornando-se figura indispensável no contexto da assistência ao idoso com Alzheimer. Essa função exige não apenas domínio técnico, mas também empatia, paciência e capacidade de comunicação, visto que as alterações cognitivas e comportamentais do paciente demandam abordagens individualizadas.

Smeltzer e Bare (2019) ressaltam que o cuidado de enfermagem deve ser compreendido como um processo contínuo e adaptativo, em que o profissional acompanha a evolução da doença, ajustando as intervenções conforme o estágio clínico e as necessidades emergentes. A Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE), conforme Horta (2011), constitui instrumento fundamental nesse processo, pois organiza e racionaliza o cuidado, garantindo segurança, eficiência e humanização. Por meio da SAE, o enfermeiro transforma o cuidado empírico em prática científica, sustentada por evidências e por princípios éticos.

Outro ponto relevante identificado é o papel educativo da enfermagem, que se estende ao ambiente domiciliar. O enfermeiro atua como facilitador da comunicação entre paciente e familiares, capacitando cuidadores quanto às práticas de higiene, administração de medicamentos, nutrição, segurança e manejo de sintomas comportamentais. Essa ação educativa, segundo a Associação Brasileira de Alzheimer (2023), é decisiva para reduzir a sobrecarga do cuidador e melhorar a adesão ao tratamento. Ao compartilhar conhecimento, o enfermeiro fortalece a rede de apoio e

contribui para que a família participe ativamente do cuidado, tornando o processo mais acolhedor e eficiente.

O estudo evidenciou também que a humanização e a ética constituem os pilares da prática profissional frente ao Alzheimer. O Conselho Federal de Enfermagem (2021) reforça que a conduta do enfermeiro deve estar orientada pelos princípios da beneficência, da justiça e da dignidade humana, reconhecendo o paciente como sujeito de direitos, mesmo em condição de vulnerabilidade cognitiva. O enfermeiro, ao agir com sensibilidade e compromisso moral, reafirma o valor social e humano da profissão, consolidando seu papel como defensor da vida em todas as suas fases.

Os desafios enfrentados pela enfermagem são expressivos: falta de capacitação específica, sobrecarga de trabalho, escassez de políticas públicas e necessidade de maior apoio psicológico aos profissionais. No entanto, tais dificuldades não diminuem a relevância do enfermeiro, mas, ao contrário, reforçam a necessidade de valorização e investimento em sua formação contínua. O futuro do cuidado ao paciente com Alzheimer requer uma enfermagem mais preparada, amparada em evidências científicas e guiada por princípios éticos e humanizados.

Conclui-se, portanto, que o enfermeiro exerce papel determinante no enfrentamento da doença de Alzheimer, integrando ciência, empatia e compromisso social. Sua atuação contribui não apenas para o bem-estar do paciente, mas também para o fortalecimento da família e para a consolidação de uma assistência em saúde mais sensível, inclusiva e centrada na pessoa. O cuidado de enfermagem, quando pautado na ética, na interdisciplinaridade e na humanização, representa uma das expressões mais nobres da prática profissional e constitui base indispensável para o enfrentamento dos desafios impostos pelo envelhecimento populacional e pelas doenças neurodegenerativas.

REFERÊNCIAS

Associação Brasileira de Alzheimer. *Dados e estatísticas sobre a doença de Alzheimer no Brasil*. São Paulo: ABRAz, 2023. Disponível em: <https://abraz.org.br/>. Acesso em: 10 nov. 2025.

Brasil. Ministério da Saúde. *Caderno de atenção básica: saúde da pessoa idosa*. Brasília: Ministério da Saúde, 2020.

Conselho Federal de Enfermagem. *Resolução nº 564/2017: código de ética dos profissionais de enfermagem*. Brasília: COFEN, 2021.

Horta, Wanda de Aguiar. *Processo de enfermagem*. 9. ed. São Paulo: EPU, 2011.

Mendes, Isabel Amélia Costa. *Competências do enfermeiro para o cuidado ao idoso: reflexões e desafios contemporâneos*. São Paulo: Manole, 2015.

Nanda International. *Diagnósticos de enfermagem da NANDA-I: definições e classificações 2021–2023*. Porto Alegre: Artmed, 2021.

Pessini, Léo. *Bioética: um grito por dignidade de viver*. São Paulo: Loyola, 2017.

Potter, Patricia A.; Perry, Anne Griffin. *Fundamentos de enfermagem*. 10. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2020.

Smeltzer, Suzanne C.; Bare, Brenda G. *Brunner & Suddarth: tratado de enfermagem médico-cirúrgica*. 14. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2019.

Waldow, Vera Regina. *Cuidado humano: o resgate necessário*. 3. ed. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2014.

World Health Organization. *Global status report on the public health response to dementia*. Geneva: WHO, 2022.